Revista ESCALETA

TEXTURA, COR E HORROR: uma análise multissensorial de *Coraline e o mundo secreto* (2009)

Luanna Mello[1]

luannamello@gmail.com

Resumo

A pesquisa aqui apresentada tem como tema principal a análise da influência da direção de arte na construção do gênero de terror infantil e da sensorialidade na obra cinematográfica *Coraline e o Mundo Secreto* (2009), dirigido por Henry Selick, analisando especificamente sua cena de abertura. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de obras literárias, artigos e teses abordando o tema, associada a análise fílmica da sequência inicial, levando a compreensão do papel do terror em obras infantis e as escolhas em sua direção de arte, buscando expor uma narrativa a mais através da arte, design e arquitetura. A partir da análise pautada na escolha da paleta de cor, texturas, figurinos e objetos em cena, buscamos compreender como o gênero do horror é arquitetado a partir da sensorialidade construída pela direção de arte e como ela colabora para uma experiência imersiva encaminhando a uma narrativa ainda mais sombria e macabra.

Palavras-chave: *Coraline; horror infantil; direção de arte.*

Abstract

The main theme of the research presented here is the analysis of the influence of art direction on the construction of the children's horror genre and sensoriality in the film *"Coraline"* (2009), directed by Henry Selick, specifically analyzing its opening scene. The methodology used is a bibliographic review of literary works, articles and theses on the subject, combined with a film analysis of the initial sequence, leading to an understanding of the role of terror in children's works and the preference in its art direction, seeking to expose an additional narrative through art, design and architecture. Based on an analysis of the choice of color palette, textures, costumes and objects on screen, we seek to understand how the horror genre is architected through the sensoriality created by art direction and how it contributes to an immersive experience leading to an even darker and more macabre narrative.

Keywords: *Coraline, children's horror, art direction.*

[1] Trabalho orientado por: Profa. Dra. Tainá Xavier (taina.huhold@espm.br).

1. Introdução

A atmosfera no horror cinematográfico é tão crucial quanto os próprios sustos, sendo a partir dela que é arquitetado um ambiente capaz de mergulhar o espectador em um mundo de medo e suspense. Nesse sentido, a direção de arte desempenha um papel fundamental para o reconhecimento de um gênero, trazendo repertórios comuns na escolha da paleta de cor, elementos em cena, texturas, figurinos e na construção de cenários, contribuindo para a imersão do público na história. No gênero do terror infantil, cada detalhe é meticulosamente elaborado para intensificar a sensação de tensão e medo, se apropriando da realidade de uma criança, sendo capaz de gerar sensorialidades que ultrapassam as telas. A animação em stop-motion, *Coraline e o Mundo Secreto* (2009), exemplifica perfeitamente como a direção de arte colabora para construção de uma atmosfera sombria e cativante, repleta de elementos que alimentam o medo e o suspense do espectador e a partir disso, se apropriando do gênero do horror.

Dirigido por Henry Selick e baseado na obra de Neil Gaiman, *Coraline e o Mundo Secreto* (2009) apresenta a história de Coraline Jones, uma jovem que se muda com seus pais para uma casa antiga e misteriosa. Rejeitada pelos seus pais, Coraline explora seu novo lar e acaba descobrindo uma porta secreta, a levando para uma versão alternativa de sua casa e de seus pais, onde tudo parece ser perfeito. A jovem logo percebe os segredos que esse novo mundo carrega e usa sua coragem para enfrentar uma entidade sinistra disfarçada de sua "Outra Mãe".

O artigo explora como as escolhas de direção de arte do longa-metragem contribuem para a construção do gênero de horror ao criar uma atmosfera surpreendentemente macabra para o público infantil capaz de provocar sentidos além da visão. A partir da revisão bibliográfica de livros, artigos e teses abordando o gênero do horror e os elementos de direção de arte, acompanhados de uma análise dos componentes visuais aplicados na cena inicial da obra, constrói-se o estudo da elaboração da sensorialidade reproduzida pelos elementos de arte e cenografia, compreendendo melhor o papel essencial que a direção de arte desempenha no cinema e na construção de gêneros.

2. Contextualização do Horror Infantil

2.1. O Crescimento do Horror Infantil

Com o crescimento da indústria cinematográfica, ergue-se uma movimentação experimental nas telas, construindo categorias temáticas de subgêneros dentre as narrativas. Com a presença do horror sendo cada vez mais constante nas salas de cinema, surge com ela, o subgênero do terror infantil, explorando novos protagonistas, arriscando em outro público-alvo e imergindo em medos e traumas infantis.

A essência do horror infantil com a narrativa de contos de fada e do folclore, que apesar de possuírem características completamente distintas do gênero, introduzem elementos e antagonistas que provocam experiências semelhantes. A história clássica de Chapeuzinho Vermelho é um perfeito exemplo desta característica, sendo que apesar de não ser associada ao gênero do terror, carrega em sua narrativa o personagem do lobo mau, que é construído para gerar medo tanto na protagonista quanto no espectador.

O subgênero é acompanhado de conceitos que dialogam diretamente com o público infantil. As narrativas com frequência apresentam crianças tanto como vítimas quanto como responsáveis por episódios aterrorizantes. Assim como grande parte das histórias infantis, o horror para este público tende a carregar uma função além do entretenimento em suas narrativas. O gênero pode vir acompanhado do papel de reflexão e educação infantil, alertando sobre perigos e comportamentos da criança, além de explorar traumas, refletindo questões sociais e familiares, “podemos entender que tais projeções sobrenaturais de medo na infância vêm como forma de auxiliar a criança a lidar com o mundo em que vive." (ACKER e RODRIGUEZ, 2019). Abordar estas temáticas é reconhecer o papel do horror infantil na construção e evolução do indivíduo.

O terror infantil carrega a característica essencial de construção de um espaço familiar ao público. A partir disso, é comum a presença de casas e escolas como ambientes principais dessas histórias, provocando a ideia que o perigo pode estar presente nos lugares em que acreditamos ser os mais seguros. Abusando do conceito do curioso a respeito do desconhecido, o gênero é alimentado pelo sentimento de insegurança da criança e apresenta em sua narrativa elementos

do medo presentes no cotidiano. Entre eles, o medo do escuro, de criaturas e monstros imaginários e comumente, o medo de perda dos pais, provocando uma relação e identificação ao público, deixando-o mais entregues ao gênero. "Os monstros projetados no imaginário infantil acabam sendo simbolismos que representam os perigos e ameaças reais, assumindo as mais diversas e contraditórias manifestações." (ACKER e RODRIGUEZ, 2019).

2.2 Direção de Arte, Espaço e Sensorialidade

A direção de arte desempenha um papel fundamental no processo de delineamento e reforço do gênero em uma narrativa cinematográfica. Ela é responsável pelo estabelecimento de atmosfera, espaço, tom, identidade visual, contexto histórico e cultural e sensorialidade dos ambientes. É através do uso de cores, iluminação e ornamentação que a obra articula uma estética cenográfica que não apenas reforça sua identidade de gênero, mas também aprofunda sua expressão artística. No terror, a direção de arte se torna elemento-chave para narrativa se tornar ainda mais sombria, utilizando recursos estéticos para instigar uma sensação de suspense e tensão no espectador.

O departamento é encarregado da construção de cenários e ambientes que dão vida ao mundo da obra. Em produções de terror, é comum inserir lugares sombrios e assustadores, como casas antigas, florestas escuras, cemitérios, hospitais abandonados, ou qualquer ambiente negligenciado que intensifique a sensação de isolamento e solidão tanto para os protagonistas quanto para o público. Nesse contexto, as paletas de cores tendem a ser frias, com contrastes marcantes de luz e sombra, e objetos são cuidadosamente escolhidos para acrescentar ao desconforto e a inquietação. A seleção cuidadosa dos elementos em cena é capaz de estabelecer um contexto e um conceito prévio ao espaço, seja através do uso de teias de aranha e objetos antigos para indicar a falta de visitação ao ambiente por um período prolongado, ou pela inclusão de quadros e fotografias que apresentam personagens adicionais à história.

Compreender a relevância da direção de arte em uma narrativa é assumir que cada escolha visual dentro de uma cena possui um propósito. No longa-metragem *Coraline e o Mundo Secreto* (2009), por exemplo, notas-se a presença constante de insetos em cena, seja em formato

de objetos no "Outro Mundo" como cadeiras, armários e papel de parede, um porta-retrato em formato de louva-deus ou até a presilha de Coraline sendo uma libélula. Pode-se associar a recorrente inserção dos insetos na narrativa visual ao formato de aranha que a antagonista se transforma no final do filme, capturando Coraline literalmente em sua teia. Assim, compreende-se que essa escolha da direção de arte parte da necessidade de reforçar que tudo no "Outro Mundo" é controlado pela "Outra Mãe" e tudo acaba se tornado sua presa, principalmente Coraline.

Figura 1: Aparição dos insetos na narrativa

Fonte: Reprodução de Tela (compilação) *Coraline e o Mundo Secreto* (2009)

Ser responsável pela estética de uma obra audiovisual implica compreender o compromisso de construir uma atmosfera sensorial para o espectador. "Em todos os casos, esses trabalhos perturbam a relação entre visão e conhecimento. Chegando aos limites do conhecimento visual, eles frustram a absorção passiva de informações, ao invés, encorajam o espectador a se engajar mais ativa e autocriticamente com a imagem." (MARKS, 2000, p.133 apud JACOB, 2021).

2.3. Casa como Personagem

O uso de casas como cenário principal é uma prática recorrente no gênero do terror. "Por sua vez, a configuração arquitetônica e visual gera entendimentos cognitivos ligados diretamente à narrativa, como interpretações simbólicas, históricas, sociais psicológicas, etc." (HAMBURGUER, 2014). Essas edificações muitas vezes carregam consigo uma história própria,

podendo ser desde casas antigas e abandonadas até residências com um passado sombrio, o que acrescenta camadas de mistério e intriga à narrativa. Elas proporcionam uma plataforma ideal para a exploração de elementos sobrenaturais, com características como corredores escuros, sótãos sombrios, porões sinistros e quartos abandonados, que se revelam como cenários perfeitos para encontros com fantasmas, monstros e outras entidades sobrenaturais que habitam o universo do filme.

Se tratando do gênero do terror infantil, a escolha de casas como cenário é habitual, como em "Abracadabra" (1993), "A Casa Monstro" (2006) e "ParaNorman" (2012). As casas são tradicionalmente consideradas símbolos de segurança e conforto para as crianças, espaços onde elas se sentem protegidas e acolhidas. Ao situar o terror dentro desses lares, os filmes exploram a ideia intrigante de que o perigo pode emergir mesmo nos ambientes mais familiares e aparentemente seguros. Essa desconstrução da segurança infantil é presente constantemente em *Coraline e o Mundo Secreto* (2009), principalmente a partir da inserção da boneca na história. A boneca Coraline desempenha um papel central como uma representação da ameaça principal que a protagonista enfrenta. Se trata de uma réplica perturbadora de Coraline, com botões no lugar de seus olhos. Ela é usada pela "Outra Mãe" para espiar e atrair a jovem ao "Outro Mundo". Na obra, é notável a participação da direção de arte como uma chave para lidar com objetos e espaços familiares ao universo infantil, subvertendo-os narrativamente como sombrios e macabros.

Por a história se passar na casa de Coraline, ela acaba se tornando uma personagem da história, além também de ser capaz de representar uma metáfora para conflitos internos e o medo de isolamento da protagonista. O ambiente doméstico pode refletir os desafios emocionais que os personagens enfrentam, como a sensação de não pertencimento, o medo do desconhecido ou a dificuldade de se comunicar com os pais, fator que se torna evidente desde o primeiro instante da obra, apresentando a rejeição e falta de atenção dos pais de Coraline. A solidão de Coraline criada na narrativa aumenta no decorrer da história quando a personagem percebe que o outro mundo apresentado como paraíso não é o que parece, assim, a imagem da casa começa a construir uma sensação de confinamento e vulnerabilidade, ampliando a tensão e o suspense do longa.

Através da escolha da casa como cenário focal do filme, os diretores de arte Bo Henry, Tom Proost e Phil Brotherton com sucesso realizaram um contraste extraordinário ao compor os espaços das duas casas. A direção de arte da casa tem a responsabilidade de transmitir a sensorialidade da narrativa, uma paleta mais fria e acinzentada, ambientes vazios colaboram ao retratar o mundo real em que Coraline se sente rejeitada e sozinha, enquanto no outro mundo, cores mais quentes e elementos de cena coloridos e contagiantes são usadas para recepcionar e atrair a protagonista em um ambiente mais aconchegante e familiar. A sensorialidade trazida na obra é responsável por construir uma empatia maior pela protagonista, aproximando o espectador dos sentimentos de Coraline. Desta forma, aproximar o espectador da obra através do sensorial é inseri-lo na ambiência do filme, mergulhando ainda mais na experiência da narrativa.

3. Coraline e o mundo secreto

3.1 Análise da Introdução

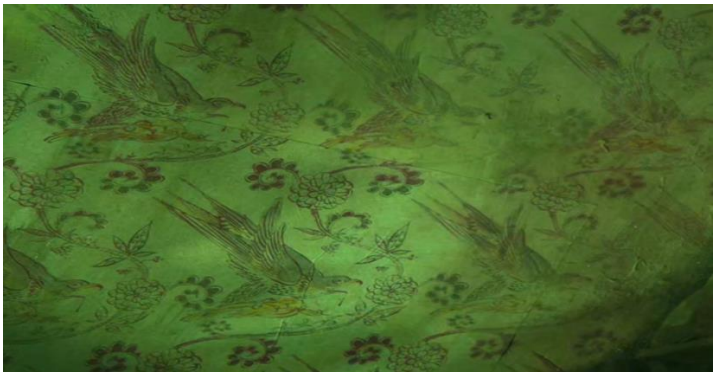
Para uma compreensão mais detalhada do objeto, passaremos a uma análise da cena de abertura do filme. A obra se inicia com uma apresentação de créditos que a partir da direção de arte revela indiretamente da trama do longa. A cena é acompanhada de uma trilha sonora que, gradualmente, intensifica seu ritmo provocando, desde o primeiro instante, um suspense. A atmosfera da trilha se transforma com a presença de vozes infantis, encaminhando para o início da cena de abertura e se convertendo para uma melodia infantil.

Figura 2: Feitura da boneca

Fonte: Reprodução de tela (compilação) *Coraline e o Mundo Secreto* (2009)

A cena é introduzida com o surgimento de uma boneca entrando pela janela de um cômodo aparentando ser um quarto de costura. A boneca é revelada, ao longo do filme, como representação da avó do personagem Wybie, amigo de Coraline, reconhecida como última vítima da Outra Mãe. Ao entrar no cômodo, percebe-se uma janela repleta de teias de aranha, indicando tanto um tempo passado na narrativa, quanto a revelação de ser o abrigo da antagonista, que possui características de uma aranha. O quarto mantém uma iluminação esverdeada, cor que pode representar um aspecto venenoso e nojento, sendo considerada “a mais “anti-humana” das cores” (HELLER, 2002).

Figura 3: Papel de parede



Fonte: Reprodução de tela *Coraline e o Mundo Secreto* (2009)

Nesta entrada é perceptível também, um papel de parede que ocupa o espaço com uma estampa apresentando elementos exageradamente repetitivos que pode se passar despercebido e ser considerado sem relevância para a narrativa, entretanto, foi capaz de despertar uma interpretação pessoal. Apesar de aparentar apenas um pássaro alimentando seu filhote, dois fatores chamam a atenção: o filhote estar de cabeça para baixo, sendo segurado pela mãe como presa e o suposto alimento que se assemelha a uma gota de sangue escorrendo em seu bico. Levando em consideração a história do longa, pode-se interpretar que o pássaro maior é a "Outra Mãe", principalmente por ser um cômodo em que a personagem está presente, e seu "filhote"

são suas vítimas, neste caso, Coraline. Analisa-se também a posição peculiar invertida dos pássaros, que podem brincar com a ideia de dois mundos invertidos em que a história se passa.

Em seguida, a boneca é levada para uma mesa em que ao invés de utensílios de costura, se encontram ferramentas de funerárias e autópsias, evidentemente desgastadas pelo seu uso. A partir deste momento percebe-se o quão macabra a história realmente é. A cena segue com o processo da "Outra Mãe" desconstruindo a boneca, seguindo os passos exatos de uma preparação de um cadáver: higienização, embalsamento, reconstrução facial e arrumação com vestimenta e a transformando em uma versão da Coraline. A união dos sons em cena como o da tesoura cortando o tecido, os grãos caindo estofando a boneca e a costura sendo desfeita, ao lado de uma atmosfera com uma iluminação mais sombria e texturas ásperas constroem juntos uma narrativa transcendentalmente multissensorial.

Figura 4: Interação som e imagem

Fonte: Reprodução de tela (compilação) *Coraline e o Mundo Secreto* (2009)

A higienização pode ser relacionada a limpeza realizada na boneca, sendo ela literalmente eviscerada ao ser descosturada e removida uma espécie de pelúcia de seu corpo. O embalsamento pode ser associado ao momento em que a boneca é preenchida com areia, como forma de preservação do corpo. O processo de reconstrução facial se torna extremamente importante por ser representado pelo cuidado que a "Outra Mãe" tem ao escolher o botão específico para substituir os olhos da boneca. Os botões possuem uma grande relevância na narrativa, levando em consideração que Coraline percebe que está em perigo quando a "Outra

Mãe" a pede para viver eternamente no "Outro Mundo"e substituir seus olhos por botões. A perda da visão pode se associar a um dos principais medos na infância, o do escuro, “o medo de ferir ou perder os olhos é um dos mais terríveis temores das crianças” (FREUD apud CARVALHO, 2016). Por fim, é feita uma vestimenta para a boneca exatamente igual a da protagonista, e assim, a boneca é enviada pela janela para o mundo.

Figura 5: Sombra da boneca representando Coraline

Fonte: Reprodução de tela *Coraline e o Mundo Secreto* (2009)

A narrativa visual também revela em sua cena de abertura um instante em que a boneca desconstruída se apresenta com uma sombra que aparenta ser uma pessoa segurando uma boneca, indicando que apesar da boneca ser de Coraline, a protagonista passa a ser, de certo modo, um fantoche da "Outra Mãe" e diretamente sua presa.

4. Considerações finais

Através das pesquisas feitas durante o presente artigo, tornou-se possível compreender o papel vital que a direção de arte possui na criação da sensorialidade e do gênero de um filme. O estudo é realizado a partir de uma análise aprofundada das escolhas de elementos inseridos na cena de abertura da obra *"Coraline e o Mundo Secreto"* (2009) e o reconhecimento de como por meio delas a obra se qualifica como um horror infantil. A direção de arte não apenas define o visual e o estilo estético de uma obra cinematográfica, mas também contribui significativamente para a narrativa, a imersão e a experiência emocional do espectador. Ao longo

deste artigo, é explorado como elementos visuais como paleta de cores, texturas, cenários, adereços e figurinos são especificamente selecionados e elaborados pelos diretores de arte para aprimorar a experiência do público, abusando de uma narrativa sensorial e arquitetando o gênero do terror.

É inegável que uma direção de arte bem executada pode elevar os patamares de um gênero. Analisando a obra de Henry Selick e compreendendo as escolhas dos diretores de arte, Bo Henry, Tom Proost e Phil Brotherton, é perceptível o cuidado de cada elemento ao colaborar para a construção da atmosfera e ambiente da narrativa. A construção de cenários, a manipulação da iluminação e a criação de ambientes realistas e surrealistas, principalmente através de texturas no stop-motion, são recursos poderosos que trazem o aspecto de "táteis" para a obra, provocando ainda mais as sensações de suspense, desconforto e principalmente, medo do espectador.

É importante reconhecer a excepcionalidade da arte na obra e como os diretores brincam com a identidade visual do "Outro Mundo" e a ironia de ser um lugar sombrio, macabro e perigoso coberto de cores vibrantes, flores e aspectos fantasiosos que o torna encantador e imersível. A identidade visual de Coraline é extremamente específica e distintiva, não apenas atraindo os espectadores, mas também ajudando a consolidar a marca do filme.

Diante disso, é necessário destacar que a preocupação da direção de arte não é apenas uma questão de estética, mas também de imersão de narrativa. Cada escolha, por mais sutil que seja, contribui para a construção de um mundo fictício e para o desenvolvimento de cada personagem. Portanto, a equipe de arte desempenha um papel fundamental na materialização da visão do roteiro e neste caso, da obra literária original, além da transmissão do gênero e mensagem temática da obra. Sua influência vai além do visual, contribuindo também para a experiência multissensorial e emocional do espectador. Ao reconhecer a importância da direção de arte no cinema e na construção de gêneros, podemos valorizar e apreciar essa área da produção e compreender que visão artística é essencial para o sucesso e reconhecimento de qualquer produção cinematográfica.

Referências

ACKER, Ana e RODRIGUEZ, Alexia. **As experiências de horror na infância no filme Coraline**. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Porto Alegre - RS – 20 a 22/06/2019. Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS, 2019.

HAMBURGUER, Vera. **Arte em cena: A direção de arte no cinema brasileiro.** Editora Senac e Edições Sesc, São Paulo, 2014.

HELLER, E. **A Psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Editora Gustavo Gili, São Paulo, 2016.

JACOB, Elizabeth. **Quando você olha para mim, para quem eu olho? A direção de arte e as dimensões do ver**. In: Anais de textos completos do XXIV Encontro da SOCINE [recurso eletrônico] / organização editorial Cristian Borges et al. Rio de Janeiro: SOCINE, 2021.

MACHADO, Ludmila. **Design e Linguagem cinematográfica. Narrativa Visual e Projeto**. Editora Bluncher, São Paulo, 2011.

MARTINS, India Mara. **A direção de arte e a criação de atmosferas no cinema brasileiro contemporâneo.** In: BUTRUCE, Débora e BOUILLET, Rodrigo (Orgs.) Direção de Arte e o Cinema Brasileiro. Rio de Janeiro: Caixa Cultural, 2017.

PIMENTEL, Danieli. **O cinema de animação em Coraline e o Mundo Secreto**, in XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – S. Cruz do Sul - RS – 30/05 a 01/06/2013. Universidade do Estado do Pará, Belém, PA, 2013.

ZANI, R. **Intertextualidade: Considerações em torno do dialogismo**. Em Questão, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 121-132, jan./jun. 2003.

Filmes:

CORALINE e o Mundo Secreto. Direção de Henry Selick. Estados Unidos: Focus Feature e Universal Pictures, 2009. 1 DVD (100 min).